



O VERBO TO BE E AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS EM SALA DE AULA DA EEMTI PROFESSOR JOSÉ TELES DE CARVALHO

Dalvan José de Sousa¹

Resumo

O presente artigo aborda uma breve reflexão acerca das principais dificuldades encontradas nos alunos no que tange à aprendizagem do verbo to be. Tem por objetivo analisar as dificuldades demonstradas pelos alunos em sala de aula, partindo da explanação das inúmeras regras, tempos verbais e expressões formadas por esse verbo. A pesquisa foi concebida a partir das experiências de ensino da Língua Inglesa em sala de aula do ensino médio, tendo como público-alvo os alunos da EEMTI Professor José Teles de Carvalho da cidade de Brejo Santo, estado do Ceará. Para o desenvolvimento deste trabalho, analisei escritos de estudiosos, pesquisadores e gramáticos que são referência na pesquisa acerca da temática, como Lima (2010), Torres (2002), Norte (2014), Porcino e Finardi (2015), Batista e Iglesias (2010). Também analisei a Base Nacional Curricular Comum - BNCC (2018), notadamente no tocante ao processo de ensino e aprendizagem da Língua Inglesa no Brasil. Percebe-se que o processo de estudo do conteúdo verbo to be em sala de aula é recorrente, porém ainda causador de dúvidas e dificuldades de compreensão, dadas as suas inúmeras regras e amplitude de usos e funções, configurando-se, assim, em um verbo com muita versatilidade. Portanto, o desafio é mostrar ao aluno a importância do verbo to be para o processo de aprendizagem da Língua Inglesa.

Palavras-Chave: Verbo to be. Dificuldades. Aprendizagem. Língua Inglesa.

Abstract: THE VERB TO BE AND LEARNING DIFFICULTIES: AN ANALYSIS FROM EEMTI'S CLASSROOM EXPERIENCES PROFESSOR JOSÉ TELES DE CARVALHO

This article addresses a brief reflection about the main difficulties observed in the students related to the learning of the verb to be. It aims to analyze the difficulties presented by students in the classroom, starting from the explanation of the many rules, verb tenses and expressions formed by this verb. The research was conceived from the experiences of teaching the English Language in a high school classroom, having as the audience target the students from the Full time School Professor José Teles de Carvalho. Located in Brejo Santo city in Ceará State. For the development of this work, I analyzed the writings of scholars, researchers and grammarians who are a reference in research on the subject, such as Lima (2010), Torres (2002), Norte

1. Professor efetivo da rede estadual (Liceu Professor Teles de Carvalho) e municipal de ensino na cidade de Brejo Santo - Ceará, lecionando a disciplina de Língua Inglesa no ensino fundamental e médio.

(2014), Porcino and Finardi (2015) and Batista and Iglesias (2010). I also analyzed the Common National Curricular Base - BNCC (2018), notably with regard to the process of teaching and learning the English language in Brazil. It is noticed that the process of studying the verb to be in the classroom is recurrent, but still causes doubts and difficulties in understanding, given its countless rules and extension of uses and functions, thus configuring itself in a verb with a lot of versatility. Therefore, the challenge is to show the student the importance of the verb to be for the English language learning process.

Keywords: Verb to be. Difficulties. Learning. The English Language.

Resumen: EL VERBO SER Y LAS DIFICULTADES DE APRENDIZAJE: UN ANÁLISIS DE LAS EXPERIENCIAS EN EL AULA DE EEMTI PROFESOR JOSÉ TELES DE CARVALHO

Este artículo aborda una breve reflexión sobre las principales dificultades encontradas por los estudiantes con respecto al aprendizaje del verbo to be. Su objetivo es analizar las dificultades que muestran los estudiantes en el clase, a partir de la explicación de las numerosas reglas, tiempos verbales y expresiones formadas por este verbo. La investigación se concibió a partir de las experiencias de la enseñanza del idioma inglés en un aula de secundaria, teniendo como público destinatario los estudiantes de la escuela em tempo integral Professor José Teles de Carvalho de la ciudad de Brejo Santo, estado de Ceará. Para el desarrollo de este trabajo, analicé los escritos de académicos, investigadores y gramáticos que son una referencia en la investigación sobre el tema, como Lima (2010), Torres (2002), Norte (2014), Porcino y Finardi (2015), Batista e Iglesias (2010). También analicé la Base Curricular Nacional Común - BNCC (2018), en particular con respecto al proceso de enseñanza y aprendizaje del idioma inglés en Brasil. Se observa que el proceso de estudiar el verbo ser contenido en el aula es recurrente, pero aún causa dudas y dificultades en la comprensión, dadas sus innumerables reglas y la amplitud de usos y funciones, configurándose así en un verbo con mucha versatilidad. Por lo tanto, el desafío es mostrarle al alumno la importancia del verbo para el proceso de aprendizaje del idioma inglés.

Palabras-Clave: Verbo to be, Dificultades. Aprendizaje. La Lengua Inglesa.

1. INTRODUÇÃO

Um dos tópicos mais geradores de dificuldades no processo de aprendizagem da Língua Inglesa em sala de aula é, sem dúvidas, o famoso e inevitável verbo to be, dadas as especificidades dele e ao amplo contexto de uso. As dificuldades demonstradas pelos alunos em sala de aula do ensino médio começam pela própria tradução do verbo be, a saber: “ser” ou “estar”, o que é pouco comum no Inglês, pois são dois verbos completamente divergentes em sentido e uso. Outra dúvida constante apresentada pelos alunos é o fato de o verbo to be ter uma versatilidade de uso, dada a possibilidade de formação de expressões idiomáticas diversas e de criação de determinados

tempos verbais, típicos do Inglês. O verbo to be, assim como outros conteúdos gramaticais que compõem a estrutura da Língua Inglesa, servem de termômetro para medir a influência e hegemonia desta no mundo. Segundo Batista e Iglesias, (2010, p. 79), “A disseminação da língua inglesa no mundo moderno é muito ampla e abrange atividades de trabalho, lazer, ensino e pesquisa, entre outras.”. De fato, esse poder influenciador da Língua Inglesa, e todo o seu arcabouço, que automaticamente se fazem presentes e obrigatórios no processo de aquisição de conhecimentos relacionados a este idioma, mostram a necessidade de um longo e intermitente processo de estudo do Inglês em sala de aula.

O foco da pesquisa é analisar as principais dificuldades de compreensão do verbo *to be* encontradas pelos alunos em sala de aula, dada a versatilidade deste verbo e em que tópico específico do assunto as dificuldades surgem. A pesquisa foi concebida a partir das experiências vivenciadas diariamente em sala de aula do ensino médio na disciplina de Língua Inglesa, tendo como público-alvo os alunos do ensino médio da EEMTI Professor José Teles de Carvalho da cidade de Brejo Santo, Ceará. Tendo como base as explicações e discussões elencadas, espera-se que o aluno leitor tome consciência da importância do verbo *be* e da necessidade de estudá-lo no contexto de uso e não de forma isolada, conforme explica Lima (2010): “O que vai definir o significado do *be* é o contexto (as palavras próximas a ela) e não a palavra sozinha” (LIMA 2010, p. 72).

Na realidade, apesar de a análise abordar as principais dificuldades que envolvem o processo de aprendizagem deste verbo e em que pontos específicos das complexas regras aparecem tais dúvidas, será imprescindível trazer a discussão proposta permeada pelos discursos voltados ao ensino e aprendizagem do Inglês no território nacional, pois, conforme Porcino e Finardi (2015), os brasileiros querem aprender Inglês, independente de esta língua ser ou não hegemônica, em relação as outras, e também representar ameaças a outras línguas, notadamente, aquelas tidas como minoritárias. Esse desejo, para que seja plenamente cumprido, deve passar pelo estudo incansável do verbo *to be*. Tal verbo é emblemático por apresentar uma amplitude de formas, pronúncia e usos.

O processo de aprendizagem, portanto, deve se dar de forma gradativa, levando o aluno a tomar consciência da importância do verbo *to be*, bem como a dedicar uma atenção maior ao estudo deste assunto, a fim de que as dificuldades geradas acerca deste conteúdo sejam aos poucos superadas.

2. DIFICULDADES RELACIONADAS À VERSATILIDADE DO VERBO TO BE

A aprendizagem de uma segunda língua, apesar das dificuldades inerentes a tal processo, agrega ao aluno um conjunto amplo de conhecimentos e habilidades e que ultrapassa o campo da intelectualidade difusa e atinge, principalmente, a seara técnica e estrutural, linguística e comunicativa (NORTE et al., 2014), no caso em estudo, da Língua Inglesa. Segundo a Base Nacional Curricular Comum, BNCC (2018) a Língua Inglesa deve “[...] ser compreendida como língua de caráter global – pela multiplicidade e variedade de usos, usuários e funções na contemporaneidade –, assumindo seu viés de língua franca ...” (BRASIL, p. 484). O verbo *to be*, portanto é um conteúdo gerador de dificuldades de aprendizagem por parte dos alunos em sala de aula.

A primeira dificuldade de aprendizagem observada em sala de aula é a incapacidade do aluno em compreender que o verbo *to be* não segue a estrutura gramatical dos demais verbos em Inglês. Há uma quebra de padrão deste verbo ao sair infinitivo e ir para o uso no discurso do falante, seja no presente, passado ou futuro. Outra versatilidade do verbo estudado e que faz surgir nos alunos muitas dúvidas ocorre pelo fato de este verbo ora funcionar como verbo principal e ora como um verbo auxiliar. Também se trata de um verbo que não expressa ação, o que o torna diferente dos demais verbos, inclusive dos modais da Língua Inglesa. Portanto, essa é a primeira dificuldade encontrada nos alunos em sala de aula do ensino médio, pois não há a consciência linguística, apesar do trabalho recorrente no nível fundamental, da não padronização estrutural e semântica do verbo *be*.

A partir da dificuldade acima elencada, dúvidas outras surgem quando eles vão estudar a formação dos vários tempos verbais dos quais o verbo *to be* participa. No passado, por exemplo, o *be* se divide em duas formas, a saber: *was* e *were*. Para Torres (2002) “O simple past corresponde ao nosso pretérito perfeito e ao imperfeito, conseqüentemente I *was*, you *were*, he *was* etc. significam também eu fui, você foi (tu foste), ele foi etc” (TORRES, 2002, p. 55). Aqui

as dificuldades são relacionadas à estrutura gramatical, mas principalmente à semântica e à similaridade com o Português, tendo em vista na Língua Portuguesa o passado se dividir em três tempos. Assim, os questionamentos são com relação a qual tempo verbal em Português o passado em Inglês se refere. Dúvidas também surgem quando os alunos vão estudar o tempo futuro, pois eles tendem a formar a frase usando as formas flexionadas e não a forma infinitiva, conforme se percebe a seguir: deve-se usar o auxiliar *will* antes da forma *be* e entre o sujeito, ficando *I will be there for you*, por exemplo. Eles tendem a formar a frase da seguinte forma: *I will am there for you*, o que fere a regra da gramática.

Antes de se elencar as dúvidas observadas com relação aos tempos verbais, peculiares da Língua Inglesa, segue a análise de Torres (2002), que explica: “Para formar o *present progressive* (ou *continuous*) utilizamos o presente do verbo *to be* (estar) junto com o gerúndio (-ing) do verbo principal” (TORRES, 2002, p. 118). A grande dificuldade se dá pelo fato de tais tempos não terem similares em Português. Se o aluno não aprendeu o uso básico com as formas verbais *am*, *is*, *are*, possivelmente tenha dificuldades em estruturar uma frase em tais tempos verbais. Na prática em sala de aula é isso que se percebe: o aluno quase sempre não sabe estruturar uma frase no *Present Continuous* porque não compreendeu a forma básica inicial. A frase a frente ilustra tal processo: *She is looking for you*: Ela está procurando por você. Na mesma linha didática, Torres (2002) ensina: “Para formar o *past progressive*, utilizamos o pretérito do verbo *to be* (estar) junto com o gerúndio (-ing) do verbo principal” (TORRES, 2002, p. 132). Aqui, o *past continuous* é formado com a estrutura *was* e *were* e um verbo principal com terminação ING. Veja exemplo: *He was looking for you*: Ele estava procurando por você. As dificuldades encontradas são as mesmas do *present progressive*.

Outros tempos verbais sem similares em Português são o *Present Perfect Progressive* e o *Past Perfect Progressive*. De acordo com Torres (2002): “O *present perfect progressive* é formado pelo *present perfect* do verbo *to be* mais o gerúndio do verbo

principal (TORRES, 2002, p. 170). Nesse caso, usa-se as formas *have/has* mais *been* e um verbo principal com ING no final. Exemplo: *I have been looking for you*. Torres (2002) segue ensinando: “O *past perfect progressive* é formado pelo *past perfect* do verbo *to be* mais o gerúndio do verbo principal. (TORRES, 2002, p. 180). Esse tempo verbal segue a mesma estrutura do anterior, mudando somente o *have/has* para *had*. Veja: *We had been looking for you*. A principal dificuldade demonstrada pelos alunos neste tópico é na estrutura da frase que já é complexa, por si só, e no fato de não se usar as formas flexionadas *am*, *is* e *are*. Uma grande confusão é gerada na cabeça dos estudantes, tendo em vista a gramática ensinar que a essência do verbo *be* é seu uso no discurso e, portanto, devidamente flexionado.

À medida que o processo de aprendizagem do verbo *to be* vai perpassando pelas muitas facetas, as dúvidas vão surgindo, pois a estrutura gramatical e semântica do verbo é hierarquizada, ou seja, para aprender um assunto subsequente se faz imprescindível entender o anterior. Ao estudar o *future perfect progressive* e o *immediate future* o aluno se depara com um universo complexo e confuso de estruturas. No primeiro, o verbo *be* não é usado conjugado; no segundo sim. Torres (2002) explica: “[...] o *future perfect progressive* é formado pelo *future perfect* do verbo *to be* mais o gerúndio do verbo principal” (TORRES, 2002, p. 187). Assim, o aluno precisa usar as capacidades linguísticas disponíveis para entender como uma frase pode ser estruturada. Exemplo: *I will have been looking for you*. Já a forma *be going to*, ou *immediate future* é mais simples, porém capaz de confundir o aluno por expressar ação futura e não ter a mesma estrutura do anterior. De acordo com Torres (2002) esta “[...] consiste no uso do verbo *to be* no presente, seguido de *going* e do infinitivo do verbo com *to*” (TORRES, 2002, p. 147). Aqui a ação é futura imediata e para que ela ganhe tal função, a estrutura é formada com a participação do verbo *be*. Nesse caso, ele deve ser conjugado com as formas do presente: *am*, *is* e *are*. Veja: *Marcos is going to look for you*. Se as dificuldades são constantemente observadas com relação à questão gramatical, dúvidas outras surgem quando se tenta explicar as situações de uso

de cada tempo futuro. Novamente, os questionamentos são sempre relativos ao porquê da enorme complexidade de um verbo que parece tão simples à primeira vista.

Acrescente-se ainda ao rol da versatilidade de uso, funções e sentidos do verbo *to be*, responsáveis pelas dificuldades sentidas pelos alunos, a expressão *there to be*, cuja tradução é existir, haver ou ter, em tradução livre. Aqui, a dificuldade aparece pela incapacidade do aluno compreender que a situação de uso não é semelhante em Português. O *there to be* é utilizado quando o falante do Inglês deseja dizer que há, existe, tem alguma coisa ou alguém em algum lugar. Exemplo: *There is a boy here, there are two boys here*. Tradução: Tem, existe, há um garoto aqui ou Têm, existem, há dois garotos aqui. O aluno, provavelmente, tenderá a usar o *have*, já que é possível traduzir como ter ou tem.

Além de ser usado no presente, para expressar ideia de estado e outras, (*He is happy, It is hot today, We are here now*), também é usado para representar situações do cotidiano, como: dizer a idade (*I am 40 years old*), falar as horas (*It is 2 o'clock*), fazer apresentações pessoais (*My name is John*), falar das profissões (*She is a teacher*) e outros exemplos. Nessa parte, o aluno tende a usar *Have/Has*, que tem como tradução Ter. O aluno pensa em Português e tenta transportar tal pensamento para a situação de fala em Inglês, o que quase sempre não funciona, principalmente em se tratando de verbo *to be*.

3. DIFICULDADES RELACIONADAS À FORMA INFINITIVA

Na seção anterior, as dificuldades observadas nos alunos com relação ao verbo *be* e suas peculiaridades foram exaustivamente trabalhadas, tendo como base de análise as experiências de ensino em sala de aula do ensino médio. Neste espaço, serão analisadas as dúvidas demonstradas pelos alunos no tocante a não percepção das alterações sofridas pelo verbo *to be* na sua base ao ser tirado do infinitivo e jogado no uso diário dos falantes. Nesse processo obrigatório de mudança da estrutura, o aluno pode, naturalmente, querer usar o verbo *be* com essa escrita, a exemplo dos demais

verbos da Língua Inglesa. É preciso compreender que o verbo *to be* não é usado com a forma *be* na maior parte das situações, salvo quando ele estiver formando uma locução verbal.

Todo verbo nasce no infinitivo. Depois ele sai para o discurso do usuário. E é aí onde o *be* se transforma e se diferencia dos demais verbos. *To be* é a base, o infinitivo, entretanto, no discurso, essa base dá espaço para as formas *am, is e are*, no presente. No passado, as formas são: *was e were*. Portanto, é constantemente observada uma dificuldade do aluno em entender essa peculiaridade do verbo *to be*, tendo em vista ele tender a associar o *to be* aos demais verbos do Inglês. Os estudantes precisam perceber que quando se falar em *to be*, na verdade se está falando de *am, is, are* ou *was e were*.

Quando o estudo se relaciona ao tempo verbal futuro simples ou *simple future*, por exemplo, o aluno se vê em meio a uma enorme confusão, pois em tal tempo verbal é feito exatamente o contrário do que foi elencado no parágrafo anterior. No futuro simples, não se usam as formas *am, is e are*, pois estas dão lugar à forma *be*, infinitivo sem a partícula *to*, bastando apenas estruturar a frase com o auxiliar "will" mais o *be*. Uma frase estruturada nesse tempo verbal seria: *I will be there for you*. Perceba que se o aluno não estiver atendo, incorrerá no erro de querer usar a estrutura com o *be* flexionado.

Portanto, no processo de aprendizagem do verbo *to be* o aluno precisa perceber que essas alterações na base do infinitivo acontecem por ele ser um verbo altamente irregular, ou melhor, por ele ser o mais irregular de todos. Ele seria um verbo irregular do verbo irregular. Mas não só isso, pois até os verbos irregulares permanecem iguais em determinados tempos verbais. Na verdade, só se percebe se um verbo é regular ou irregular a partir da lista disponibilizada pela própria gramática da língua ou livros didáticos, e observando o seu comportamento na passagem do presente para o passado. O que o estudante precisa compreender é que com esse verbo o processo é diferente daquele usado com os demais verbos da Língua Inglesa, mesmo os irregulares.

4. DIFICULDADES RELACIONADAS À FORMA CONJUGADA

Neste espaço, as dificuldades presenciadas pelos alunos giram em torno da conjugação do verbo to be com suas respectivas pessoas do discurso. Dúvidas de compreensão são recorrentemente observadas no que tange à conjugação desse verbo, principalmente quando se compara com os demais verbos. Ao contrário dos outros verbos, chamados de verbos cheios ou principais, em Inglês “full verbs” ou “main verbs” que saem do seu estado natural, o infinitivo, e vão para o uso diário com a mesma estrutura, o verbo to be não segue esse padrão. No discurso, este verbo, que é irregular por excelência, recebe uma profunda alteração estrutural, conforme explicitado no subitem anterior. As dúvidas são geradas quando o aluno precisa usar o verbo to be no discurso. O primeiro questionamento feito é que forma usar: am, is ou are, e com que pronome pessoal: I, You, He, She, It, We e They. No dia a dia em sala de aula são observadas recorrentes dúvidas ao tentar se trabalhar com o verbo to be, pois alguns estudantes do ensino médio não conseguem formar frases com o be devidamente conjugado com o respectivo pronome pessoal.

Pois bem, o verbo be tem como formas conjugadas as partículas am, is, are, para fatos no presente e was e were para fatos no passado. Vale salientar que tais partículas verbais podem estar isoladas em uma sentença ou vir acompanhando o próprio verbo, na forma infinitiva sem o to, o que já foi abordado na seção 2 deste artigo.

Nos demais tempos, típicos do Inglês, o verbo to be segue com a base do infinitivo, devidamente conjugado, recebendo algumas terminações, como: been, being ou o próprio be, a depender do tempo verbal. Todas essas possibilidades de conjugação am, is, are, was, were, being, been e be, sem o to, são fontes geradores de constantes dificuldades no processo de aprendizagem dos alunos. Percebe-se que não há bases de conhecimento capazes de proporcionar aos estudantes o uso autônomo do verbo to be e sua versatilidade de flexão.

Todo verbo tem sua essência na conjugação. É ela o princípio básico da língua, pois tanto na modalidade escrita como falada, o verbo deve se adequar a tal meio de flexão. Para tanto, no caso do verbo to be, se faz necessário saber quem serão as pessoas do discurso e quais formas, dentre as três do presente e as duas do passado, serão utilizadas com cada pronome. A tabela 1 apresenta o verbo to be conjugado no presente, passado e futuro e suas respectivas pessoas do discurso.

Tabela 1 – Verbo to be conjugado

Pessoas do discurso	Presente	Passado	Futuro
I	Am	were	will be
You	Are	were	will be
He	Is	was	will be
She	Is	was	will be
It	Is	was	will be
We	Are	were	will be
You	Are	were	will be
They	Are	were	will be

Fonte: Autor, 2020

Portanto, o aluno precisa compreender essas mudanças na estrutura do verbo conjugado nos diversos tempos verbais. Essa dificuldade de entendimento promove profundas confusões, levando o aluno a ter o verbo *to be* como um assunto chato e inviável para aprender. Perceba que nos dois tempos iniciais, ele deixa de ser *be*, para ser *am*, *is* e *are* e *was* e *were*. Mas no futuro não sofre alteração, tendo em vista o verbo *be* passar a funcionar como verbo principal. Vale ressaltar que nos demais tempos verbais o *be* não é conjugado, pois ele quase sempre é verbo auxiliar e, por isso, permanece com mesma base do infinitivo, recebendo apenas algumas terminações.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou analisar as principais dificuldades encontradas no processo de aprendizagem do verbo *to be*, a partir das experiências de ensino da Língua Inglesa em sala de aula do ensino médio. Possibilitou ainda mostrar a importância do verbo *to be* para o processo de aprendizagem da Língua Inglesa. Discutiu-se a temática por meio de tópicos previamente elaborados que se tornaram os capítulos e subitens do referido trabalho acadêmico com o fito de guiar o leitor para uma análise mais objetiva e selecionada do tema abordado e compreender o propósito do mesmo.

Percebeu-se com este estudo que as dificuldades apresentadas pelos alunos se dão por conta das inúmeras regras que envolvem os usos, funções e sentidos do verbo *to be*, além do seu emprego em diversas situações de interação humana do idioma, sendo, por isso, muito recorrente na Língua Inglesa. No discurso diário do falante do Inglês, o *be* é usado de várias formas e tempos verbais, além de formar inúmeras expressões e locuções verbais e idiomáticas. Também foi possível analisar a característica que o verbo *to be* tem de exercer a função de verbo auxiliar e verbo principal, simultaneamente, a depender da frase e ideia que se esteja expressando.

Por fim, esta pesquisa, com a temática ora abordada, não pretendeu encerrar, nem restringir as discussões a respeito, mas servir de ponto de partida para a reflexão e ampliação do debate, tendo em vista a necessidade de aprimorar e legitimar a tese em torno da importância do estudo constante do verbo *to be*, principalmente por parte dos alunos em sala de aula.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FINARDI, Kyria Rebeca; PORCINO, Maria Carolina. O papel do inglês na formação e na internacionalização da educação no Brasil. **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**, Espírito Santo, v. 14, n. 1, p. 109-134, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/view/1391>>. Acesso em: 14/04/2020.

FINARDI, Kyria Rebecca; PORCINO, Maria Carolina. Tecnologia e Metodologia no Ensino de Inglês: Impactos da Globalização e da Internacionalização. *Technology and Methodology in elt: impacts of globalization and internationalization*. **Ilha Desterro** [online]. 2014, n.66, pp.239-283. ISSN 2175-8026. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2175-80262014000100239&script=sci_abstract>. Acesso em: 13/04/2020.

IGLESIAS, Sonia Regina Abdalla; BATISTA, Nildo Alves. A língua inglesa e a formação de mestres e doutores na área da saúde. **Revista Brasileira de Educação Médica**, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 74-81, mar. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-5022010000100009&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 10/04/2020.

LIMA, Denilso de. **Gramática de uso da língua inglesa**: a gramática do inglês na ponta da língua. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Conselho Nacional de Educação, 2018. 600 p. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em 14/04/2020.

NORTE, Mariangela Braga; SCHLÜNZEN JUNIOR, Klaus; SCHLÜNZEN, Elisa Tomo e Moriya (org.). **Língua Inglesa**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. 4 v. (Coleção Temas de Formação). Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/179739>>. Acesso em: 14/04/2020.

TORRES, Nelson. **Gramática prática da língua inglesa**: o inglês descomplicado. 9. ed. São Paulo.